

O Futuro é Feminino? Discursos textuais da mulher moderna na revista *TPM*¹

Igor Pereira MATTOS²
Frederico de Mello Brandão TAVARES³
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

O presente artigo pretende discutir como é formado o discurso sobre a “mulher moderna” dentro da revista *TPM*. Analisa-se a edição especial de número 172, de setembro de 2017, na qual a publicação traz na capa a seguinte pergunta: “O futuro é feminino?” O texto aborda os estudos feministas pós-modernos, com suas concepções plurais, as lutas e militâncias da mulher de hoje, a fim de cruzar as representações colocadas sobre a mulher, sua presença na sociedade e sua relação com a contemporaneidade a partir de temporalidades específicas. O objetivo é observar e investigar: se as imagens construídas abrangem uma diversidade de mulheres, como se dá proposta editorial da publicação em uma edição especial (que visa o futuro) e como ambos aspectos se cruzam.

Palavras-chave: Revista *TPM*; Análise Discursiva; Temporalidade; Mulher Moderna.

1. Introdução

Este trabalho aborda o questionamento do futuro, no que diz respeito ao campo social e de gênero, apresentado no editorial e nas reportagens da revista impressa *TPM*, edição especial de setembro de 2017⁴. Sabe-se que a mídia, na sociedade contemporânea, ocupa um espaço significativo na prospecção e divulgação de valores. Tais como a predominância de um discurso sobre o que é e como ser e mulher, e principalmente a “mulher moderna”.

Basta um olhar trivial em relação a diversos produtos voltados para o público feminino e perceberá diversos verbos no imperativo (Compre, Seja, Coma, Use...). Colocando-as como sujeitos passíveis de uma fórmula em que “para ser uma mulher moderna” deve-se conseguir abranger múltiplos aspectos; ter zelo com a casa; ser ao mesmo tempo também uma ótima profissional; possuir uma vida saudável; ser uma mãe dedicada e uma amante exemplar. Observa-se, então, que alcançar esses ideais transformou-se em sinônimo de sucesso e felicidade para alguns indivíduos, nos quais recai, principalmente, a representação da mulher.

Assim, temos a seguinte problemática: quais são as características críticas apresentadas

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduando em Jornalismo pela UFOP, bolsista de Iniciação Científica PIP-UFOP. E-mail: igormattospereira5@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação. Professor do curso de Jornalismo da UFOP. E-mail: fredtavares.ufop@gmail.com

⁴ A pesquisa aqui apresentada está vinculada ao projeto de pesquisa “A diversidade como fio editorial em TRIP e TPM: reconhecimento do tempo e afirmações identitárias”, registrado na PROPP-UFOP e desenvolvido com fomento do Programa de Iniciação Científica PIP-UFOP.

nas páginas da revista *TPM*? Uma publicação que se considera diferente das outras revistas do mesmo segmento (feminino) no mercado apresentará realmente um conteúdo mais relevante? O objetivo principal é identificar e refletir sobre os textos que questionam se o futuro é mesmo feminino e quais são os caminhos, propostos por *TPM*, em sua edição especial sobre o futuro – ou os futuros – da sociedade sob um recorte de gênero.

A fim de atingir o objetivo proposto, utiliza-se de reflexões acerca do futuro, suas concepções filosóficas e pragmáticas, assim como pensa-se a revista *TPM* como fruto de uma perspectiva temporal que se enquadra (e enquadra) dentro do feminismo pós-moderno. Com uma leitura baseada na análise discursiva e interpretação e reinterpretação da edição, observa-se esse contexto e suas reverberações, considerando fenômenos culturais do século XXI e como estes constituem formas simbólicas, ações, expressões e objetos de um ideal de mundo “avançado”.

2. Metodologia

A metodologia escolhida para o presente trabalho é pautada em caminhos que se completam: primeiro foi preciso acionar a corrente teórica do feminismo pós-moderno, com seus discursos de pluralidade e reivindicações da mulher atual – e outras intersecções de minorias. Considerando-se, então, um peso político neste viés, foi necessário olhar para o passado e resgatar publicações feministas brasileiras – posto que a *TPM* jamais afirmou pertencer, mas que sim, suas colaboradoras e jornalistas afirmam ser.

O motivo para tal ato é a ligação da temática da revista, com reivindicações que se cruzam com as problemáticas questionadas pelo discurso do feminismo pós-moderno e até mesmo o período pelo qual ela ganhou as bancas brasileiras, sendo temporalmente equivalentes. Até mesmo em suas comparações com o fragmento da sociedade pós-moderna, como afirma Butler.

Paradoxalmente, pode acontecer que somente mediante a liberação da categoria mulheres de um referente fixo se torne possível algo parecido com “capacidade de agir”. Pois se o termo permite uma re-significação, se o referente não é fixo, então se tornam possíveis possibilidades de novas configurações. Em certo sentido, o que mulheres significa foi dado como certo durante tempo demais e o que foi determinado como “referente” do termo foi “fixado”, normalizado, imobilizado, paralisado em posições de subordinação. Com efeito, o significado foi fundido com o referente, de tal forma que um conjunto de significados foi levado a ser inerente à natureza real das próprias mulheres. Refundir o referente como o significado e autorizar ou salvaguardar a categoria mulheres como lugar de re-significações possíveis é expandir as possibilidades do que significa ser uma mulher e, nesse sentido, dar condições para e permitir uma capacidade de agir realçada. (BUTLER,

2013, p.25).

E como gancho textual para acionar os sentidos é necessário um trabalho de pesquisa técnicas de análise discursiva. Pois tal pensamento ajuda a identificar e compreender a construção de sentidos em relação à “mulher moderna” de *TPM*, suas lutas e conquistas, tanto fora, quanto dentro de casa. Como afirma Pinto (1999, p.24), os discursos “têm papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade”.

3. Desenvolvimento

3.1. Imprensa Feminista Brasileira

A condição da mulher na sociedade mudou muito ao longo dos anos. Antes renegada basicamente ao papel de dona do lar, ela foi se emancipando em outras áreas sociais. Na história recente, mais precisamente na década de 60 do século XX, com a chamada Revolução Feminista, os direitos básicos como estudar, trabalhar fora, foram garantidos, como afirma Moraes (2012). Todo este percalço histórico do feminino foi amparado por lutas e sacrifícios de conjecturas estruturais na sociedade patriarcal, onde o homem é o centro de energia potencial.

Em uma perspectiva brasileira, os principais movimentos feministas da imprensa surgiram a partir dos anos 1970. As condições sociais da época, como a Ditadura Militar (1964-1985), funcionaram como um gatilho para a inserção de publicações feministas brasileiras, como os Jornais *Brasil Mulher* e *Nós, Mulheres*. Obras produzidas dentro da Imprensa Alternativa.

Esses jornais, com formato tablóide e muitas vezes de tiragem irregular e circulação restrita, eram vendidos em bancas, porém a venda mais significativa ocorria no âmbito da militância. Tratava-se de uma imprensa com características de esquerda e de oposição ao regime, artesanal e comercializada, prioritariamente, mão a mão, ou seja, através da venda por militantes dos movimentos populares em eventos ou nas sedes das próprias organizações (LEITE, 2013. s/p).

O primeiro, *Brasil Mulher*, foi publicado entre 1975 até 1980, com 16 edições regulares e mais 4 extras, publicado pela Sociedade Brasil Mulher. Ainda de acordo com Leite (2013), o jornal *Nós Mulheres*, publicado pela Associação de Mulheres, teve oito edições, que circularam de 1976 a 1978. Ambos, em sua essência editorial, funcionavam como dispositivo de

divulgação para os assuntos não veiculados pela grande mídia brasileira, devido à censura, com os reflexos políticos feministas. Como a reivindicação por criação e ampliação dos serviços de creche, liberdade sexual, uso pílulas anticoncepcionais, planejamento familiar, violência doméstica, equidade salarial, aborto, dentre outros. Um auto reflexo das mulheres com o ambiente em que viviam.

3.2 Feminismo Pós-Moderno

Em termos teóricos, é possível associar as ideologias – e até mesmo o nascimento dessas publicações – com o movimento feminista pós-moderno. Mas o que seria este movimento? Ao pensar pelo âmbito temporal, a pós-modernidade funciona como uma reação cultural ao modo como se desenvolveram historicamente os ideais da modernidade, associada à perda de otimismo e confiança no potencial universal do projeto moderno e tecnológico, como afirma Chevitarese (2001). Ainda segundo o autor, isto seria em tese seria este clamor da humanidade pela liberdade e heterogeneidade, tão suprimida pela lógica racional da modernidade. Assim existe uma transformação sistemática em toda a sociedade, tornando-a não somente ela, mas todos em fragmentos. Em contrapartida, ainda continua a existir um *status quo* com a lógica de acumulação de capital, dos interesses das nações hegemônicas e claro, a permanência do sexo masculino como dominante, segundo Macêdo (2013).

Para dialogar com as teorias feministas, é preciso acionar um pensamento que interage com os limites e possibilidades destes dois campos. Citando Márcia dos Santos Macêdo (2013), de modo geral, é possível reconhecer que o esforço desconstrucionista das teorias pós-modernas, particularmente do pós-estruturalismo, irá permitir uma ligação fecunda com o feminismo, reforçando a crítica aos binarismos e essencialismos do ideário racional e iluminista.

De um modo geral, podemos identificar que o “grande encontro” do feminismo com o discurso pós-moderno acontece no momento em que ambos se colocam face às problematizações em torno da diferença. Entretanto, é importante deixar evidente porque falo em “encontro” e porque apresento a tematização da diferença como o principal ponto de contato entre esses dois discursos: em primeiro lugar, não vejo o feminismo como um tipo de pensamento eminentemente pós-moderno, o que daria uma ideia equivocada de que o feminismo contemporâneo possa ser visto como “produto” do pensamento pós-moderno [...] (MACÊDO, 2013. p. 33)

Em uma perspectiva pós-moderna temos a junção de várias partes, fator que acarreta também o desmembramento do feminino em outras categorias, como afirma Silveira (2014). Pensar gênero é repensar as diferenças, as incertezas e a heterogeneidade. Esta visão feminista

tenta abarcar um recorte de classe, raça, outras orientações sexuais e deficiências físicas. Alguns exemplos são o transfeminismo e o feminismo lésbico.

Assim, vemos surgir no final do século XX o feminismo lésbico, transfeminismo, feminismo católico, etc. Ocorre ainda o fortalecimento social de grupos que já existiam, como o anarco-feminismo e o feminismo negro. Esses grupos, configuram portanto o que nesse escrito tratamos como ‘novos atores’, novos sujeitos históricos, responsáveis pelo aumento e pluralidade de pautas dentro da configuração maior que é a luta contra o patriarcado, a homofobia, o binarismo, etc. Num exercício imaginativo podemos dizer que todos esses feminismos formam um grande guarda-chuva, protegido por ele estão as vítimas do machismo que lutam em prol da superação do mesmo, cada uma a sua maneira, e acima dele, em forma de chuva torrencial estão as causas do machismo, da opressão. (p. 2753)

As inúmeras experiências vividas por estes grupos não são comuns, por isso a vertente pós-moderna do movimento negocia trabalhar com a própria identidade feminina, a fim de abranger seu alcance. Impasse que bate de frente com a sistematização política, pois os direcionamentos dos quereres são, de fato, não tão homogêneos assim, pois não são tão estáveis (BUTLER, 2013). Assim, essa mesma união acaba sendo desfeita pela materialização do sujeito – fragmentado – da atualidade. Neste caminho, de acordo com Macêdo (2013), existe a possibilidade de diálogo na diferença. Fator contundente que não faz desaparecer os dilemas do feminismo, pois implica constantes negociações de múltiplas identidades coexistindo e se articulando em contextos delimitados.

3.3 Futuro: tempos e tensões

Reflexões acerca do futuro são muito comuns. Existe na cultura midiática sempre um questionamento sobre como será o amanhã e a potência das novidades. Mas o que seria este futuro? Não é fácil definir tal termo, entretanto ele é sempre questionado e posto em voga como se fosse um dispositivo palpável. É possível entender o futuro como uma causa do próprio presente e não posterior, sem qualquer vinculação, com as narrativas atuais. Não existe a criação do novo sem vínculo com os seus antecedentes. O presente não é valorizado como fonte de experiências humanas significativas. É vivido sem valorizar os conteúdos do passado e se insere dentro da perspectiva de futuro projetado, dos anseios e desejos coletivos e individuais.

Do ponto de vista histórico, falando tanto de práticas como de representações, e tal como evidenciado pela metáfora usada em parte por Niklas Luhmann em 1976, o futuro não é algo que surge de forma independente e autônoma. Herda os fios do passado e do presente sendo algo que estando “aí”, se considera causado apenas pelo tempo anterior (passado e presente). Também na perspectiva do estudo e da crítica do mundo, isto é, da parte dos cientistas e sociais incluídos, o futuro é algo que só se torna analisável como consequência ou efeito do presente, pois ainda que seja

tido como inevitável, dá forma a substâncias desconhecidas, não sendo possível isolá-lo mas tão só inferi-lo e, quando muito, prevê-lo (ou projectá-lo) a partir das certezas disponíveis sobre o passado (ARAÚJO, 2005, p.11).

Tais caminhos temporais acabam por encaminhar um encontro com a própria expectativa e confluência das experiências vividas e também percebidas socialmente. É o espaço para a criação de projeto de vida, de almejar mudanças e acreditar que será melhor. Assim como faz a edição de setembro de 2017 da *TPM*: todo o questionamento acerca da relação da mulher – e vários outros gêneros – com a materialização da vivência do ser-mulher ao longo dos anos, o local na qual ela está inserida atualmente e para onde vai. Ou seja, a revista/edição provoca uma percepção temporal do passado-presente-futuro. Na qual registram-se fissuras e medos, permeados pela falta de certeza e clareza sobre o acontecer.

[...] o futuro, cruzando os mundos sociais e naturais, não pode ser simplesmente inventado, está a ser feito continuamente através de uma rede de relações definidas entre vários actores e não pode ser encarado nem como uma mera realização de um governo em particular, nem sequer de um programa nacional específico. O futuro não é mais previsível, alinhavado e programado com base nos acontecimentos do passado. Por isso, a política precisa de destreza suficiente para perceber que os acontecimentos não se sucedem mais de forma linear e causal no sentido tradicional, enroscam-se em efeitos não previstos e num emaranhado de intenções localizadas fora do âmbito de alcance imediato da acção política concreta. (ARAÚJO, 2005, p.42)

O amanhã é uma eterna possibilidade aberta que só irá se concretizar com as ações do hoje. Mas ao mesmo tempo é um ciclo, em uma percepção geracional, o que seria o futuro para alguns, já é passado para outros. Como uma experiência de fluxos contínuos e um eterno aprendizado e um campo onde todos e todas possuem responsabilidades com os resultados consequentes. De qual futuro fala *TPM*?

3.4 O futuro é feminino?

A revista *TPM* (Trip Para Mulheres) surgiu em maio de 2001, como uma versão feminina da revista *Trip*. Com uma proposta editorial da publicação era ser uma alternativa do nicho dentro do mercado editorial brasileiro, no qual as outras revistas tratavam as mulheres como seres fúteis. Seu público leitor, como afirma em seu mídia kit, é formado por 92% de mulheres. A faixa etária é predominante de 26 a 45 anos e 88% com o ensino superior completo. É possível imaginar que essas leitoras, de acordo com estes dados, possuem um acesso mais privilegiado a bens culturais.

Os principais tópicos dessas publicações tratam de relacionamentos e beleza, com

textos que discutem temáticas como dietas, maquiagens, como agarrar um homem, como ficar magra em poucos dias, dentre outros. Porém, mais grave que a falta de variedade de temas tratada pelas revistas e a pasteurização entre elas, é a maneira como a mulher é representada. Consiste em uma perspectiva apresenta um perfil de mulher limitada, invejosa, superficial e que procura irrefletidamente a aprovação do outro. As revistas estampam estereótipos de mulheres, com modelo ideal de beleza, com características que destoam do perfil do público-alvo. (MANDAJI; SOUZA; TERHAAG; 2014, p.103)

Assim a revista nasceu como um espaço de identificação com assuntos considerados relevantes, quebra de padrões de beleza, quebra do manual do que é ser mulher e militância em prol de assuntos femininos e sociais para esse público.

[...] com a pretensão de suprir a demanda de cultura e informação de mulheres que estavam insatisfeitas com o tratamento que as revistas femininas lhes davam [...] Tpm apresenta matérias inteligentes e aprofundadas, ao lado de seções de roteiro cultural e comentários humorísticos – coisa rara em imprensa feminina – e propõe outras visões de consumo, embora dentro de uma economia capitalista. Muitos padrões femininos de beleza são quebrados (BUIIONI, 2009, p. 207).

Ao longo das suas mais de 170 edições a revista *TPM* sempre pautou os assuntos da “mulher moderna”. Questões de interesse para a sua leitora, “uma mulher perspicaz, de personalidade forte e bem resolvida”. Porém, em dezembro de 2016 a Editora *TRIP*, responsável pela publicação, divulgou uma nota³ no qual afirmava que a *TPM* não seria mais de circulação mensal, como fora nos últimos 15 anos. Sendo apenas 4 edições especiais por ano, com temáticas mais densas do universo da mulher. Assim como um maior investimento no uso das plataformas digitais do título.

Agora que muitas das causas antes defendidas exclusivamente pela Tpm finalmente se difundiram, ainda que de forma muitas vezes superficial e incompleta, chegou o momento de ampliar nossa atuação. Queremos mergulhar mais fundo nas questões femininas. Em outras palavras, o produto TPM terá seu foco ainda mais voltado para eventos, pesquisas e campanhas pontuais. (...) Novas campanhas: Reforçaremos as campanhas que fizemos ao longo desses primeiros 15 anos de Tpm, como Manifesto Tpm e Precisamos Falar sobre Aborto. Junto com as redes digitais e as pesquisas, vamos identificar novas causas para defender on e off-line, sempre com leveza, consistência e abordagens inteligentes e cheias de humor. Revista Tpm: E, para consolidar tudo isso, teremos quatro edições por ano da revista Tpm. Cada uma delas dedicada a um tema, num formato editorial diferente – mas sempre a serviço dos mesmos valores que a marca Tpm defende há 15 anos. O impresso continua sendo central na nossa plataforma, agora dividindo mais do que nunca seu protagonismo com eventos, digital, pesquisa e vídeo. (Editora TRIP, 2016, s/p.)

Nesta nova jornada, a *TPM* lançou em setembro de 2017, a sua edição de número 172,

intitulada “O Futuro é Feminino?”. Com informações da própria publicação, a abordagem⁵ seria sobre as “angústias da mulher moderna”. De acordo com a revista, mesmo tendo conquistado espaços públicos tão masculinos, a mulher ainda não se sente livre e, portanto, vítima de opressões. A premissa que acompanha os textos é tentar entender o que deu errado com o feminismo e quais os caminhos possíveis para um futuro mais igualitário – em vários âmbitos. De acordo com a edição foram seis meses de trabalho árduo para chegar a conclusão da edição, na qual entrevistaram diferentes tipos de pessoas, desde analistas de comportamento, psicólogos, psicanalistas, doutores, prostitutas, dentre outros.

A edição 172 é a primeira da “nova fase” da revista, não sendo também à toa que seu mote seja o futuro. Ela traz o tempo como referente dela mesma, questionando-se e posicionando-se como sujeito frente às suas próprias demandas, conteúdos e fazer.

4. Corpo das Matérias

Como dito anteriormente, a técnica metodológica utilizada para ler esta edição será uma análise discursiva, com o seu viés que afirma que falas são práticas sociais de uma dualidade, na qual ao mesmo tempo em que se constrói o indivíduo, constrói-se a realidade social. De acordo com Orlandi (1994), a análise do discurso não considera que os sentidos do texto estão fixados anteriormente e tampouco que podem significar qualquer coisa. Isto deve-se ao fato de, segundo a autora, existir uma determinação histórica que relaciona os acontecimentos dentro do campo da linguagem e assim garantem sentidos atribuídos aos discursos. Visto isso, é importante salientar o momento no qual vivemos e trazer, para uma perspectiva teórica, a sua relação com o movimento feminista e as suas reverberações atuais.

[...] esta forma de análise se constitui em um espaço de interlocução das Ciências Sociais com a Linguística, construindo, assim, outra forma de conhecimento que tem como objeto próprio o discurso, que, por sua vez, é depositário tanto de linguagem quanto de ideologia e por isso é passível de uma análise mais crítica, considerando, para tanto, o sujeito como mediador, pois “não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 1994, p. 54).

Com esta conjectura, procuramos identificar as problematizações, e por consequência, as respostas dadas pelas matérias da edição #172 da revista *TPM* para a pergunta “O Futuro é Feminino?”. Como nem todo o corpo da revista compreende a este tema, separamos apenas as matérias correlacionadas com o mote geral sobre a mulher moderna-angústias-opressões-futuro.

⁵ Acesso em <http://adnews.com.br/midia/revista-tpm-nao-sera-mais-circulacao-mensal.html>

Abaixo temos um quadro com as sei matérias que são objeto do presente artigo:

Edição #172	TÍTULO	AUTORIA
Editorial	O Futuro é Alguma Coisa?	Milly Lacombe
Páginas Vermelhas	A Revolução Precisa Ser Sexual - Entrevistada: Amara Moira	Milly Lacombe
Casa TPM	Livre, Leve e Profundo	Frases de Convidadas
Reportagem	Por Dentro do Feminino	Da Redação
Reportagem	Muito Prazer, Angústia	Nathalia Zaccaro

Ao folhear a revista, o leitor já encontra em suas primeiras páginas o editorial “O Futuro é Alguma Coisa?”, de autoria da jornalista Milly Lacombe. A seção traz consigo o tom de questionamento e possibilidades que irão nortear as principais matérias da edição. Segundo diz a autora Adriana Braga (2003) em relação ao editorial, é ali o local onde encontra-se os princípios que regem o posicionamento da equipe da revista em suas opiniões, escolhas de temáticas e a reflexão sobre elas. Neste editorial é recorrente a menção de um futuro que já chegou, mas porém a mulher ainda não faz parte dele.

Chegamos aonde nenhuma outra mulher jamais chegou. Somos presidentes de nações, CEOs de corporações, pilotos de aviões. Temos filhos sem precisar casar, casamos sem precisar ter filhos, transamos com quem quisermos, como quisermos, quanto quisermos. Por que, então, estamos tão angustiadas? Por que nos sentimos confinadas? Por que não somos livres? O que deu errado? (TPM, 2017, p. 10).

O texto é o que mais indica a presença de uma pluralidade de questões acerca da mulher, no entanto, apresenta um olhar elitista e fechado sobre o universo feminino. Ao final, existe o questionamento se existe liberdade fora deste esquema ou se será uma eterna procura de voz. É importante salientar que neste texto há pouca alusão a questões sociais como violência de gênero e de raça. Uma das bases do texto é questionar o consumismo da mulher e toda a tecnologia que as leva para “[...] tempos de grandes conquistas, mas também de desespero, angústias, dúvidas, isolamento” (LACOMBE, 2017, p.11).

Em seguida temos um recorte de gênero mais explícito sobre as condições da mulher. A entrevista, feita na seção “Páginas Vermelhas”, é com Amara Moira, doutora em literatura, trans e ex-prostituta. Quem orquestra a entrevista de 12 páginas é mais uma vez Milly Lacombe. Em meio a perguntas sobre ser trans no Brasil, os desafios e superações de Moira, a entrevistada fala sobre a importância de trazer várias lutas para com o feminismo, como o recorte de classe e raça, tudo em busca de um futuro melhor. Moira também reflete sobre o esvaziamento do próprio conceito, uma alusão ao feminismo pós-moderno, no qual o

movimento é mercantilizado e se transforma em slogans e estampas de roupas. A entrevista em si, de todas a da edição analisada, é a que apresenta possíveis respostas sobre a questão da capa. “A gente não pode simplesmente constatar que homens têm um comportamento violento e querer estabelecer um front de guerra. Eu acho que a gente precisa começar a pensar em termos de uma educação transformadora, de outros modelos de homem” (MOIRA, 2017, p. 22). Em outros trechos a entrevistada leva a entender a educação como o caminho para conquistar um futuro não só feminino, mas sim generificado.

Com o título “Livre, Leve e Profundo”, a Casa *TPM*, evento anual da revista para debater assuntos do universo feminino, ganha espaço. Segundo a publicação, em agosto de 2017, ocorreu a sexta edição com questionamentos em relação ao futuro. Ainda de acordo a revista, cerca de 2.500 participaram do evento, que ainda teve a presença de 35 convidadas e 19 debates e palestras acerca das angústias femininas, falta de representação da mulher no ambiente político, transfobia e como construir um amanhã mais igualitário. Ao longo de suas oito páginas, a matéria trouxe um apanhado de frases de convidadas, muitas delas celebridades, em referente a condição de ser mulher no mundo e suas experiências, tanto negativas quanto positivas, nesta perspectiva. Entretanto, a narrativa proposta pela revista, mais uma vez não apresenta respostas sobre o futuro. No decorrer dos 23 trechos de falas analisados são apresentadas constatações sobre questões contemporâneas, de caráter mais opinativo do que informativo.

A reportagem seguinte também traz as mesmas características da aqui anteriormente mencionadas. Com o título “Por Dentro do Feminino”, a revista apresenta em sete tópicos com questões do mundo feminino. Para chegar a tal resultado, segundo o texto da matéria - que não é assinado, foi preciso escutar profissionais de diversas áreas e com vivências distintas no mundo. No escopo de perguntas temos:

1. O que querem as mulheres?
2. O que é uma mulher moderna?
3. É preciso ser feminista?
4. Somos livres?
5. Sexo: prazer ou angústia?
6. Como o machismo afeta o masculino?
7. O futuro é feminino?

As páginas são separadas com cada pergunta, nas quais não se tem respostas devidamente dadas para a questão, mas sim reflexões em frases curtas e médias sobre a temática do assunto. A revista não investe em um aprofundamento textual nos conteúdos, como parecia explicar anteriormente em sua chamada. Não tendo explicitamente uma resposta, mas servindo de gatilho para um pensamento da própria leitora: “[...] a Tpm estimula as leitoras a terem valores bem parecidos com os encorajados pelas outras revistas, mas sugere que elas ajam à sua maneira, ressaltando o seu estilo, a sua personalidade” (HOLLENBACH, 2003, p.258). É possível afirmar que existe uma presença muito mais opinativa nessas questões, é visível a falta de uma consistência maior na construção dos textos. A matéria provoca mais questionamentos ao leitor do que realmente apresenta prováveis caminhos para mudanças significativas para o futuro.

E por último, temos “Muito prazer, angústia”, reportagem de Nathalia Zaccaro, que fala sobre como a liberdade sexual que a mulher alcançou ainda sim serve de prisão cerceada pelo patriarcado. O texto retrata, a partir de um ponto de vista jovem, as questões do sexo, gênero e sexualidade.

Dá medo mesmo. Um pouco de ansiedade à parte do processo. E só o que dá para ter certeza é de que não existe uma liberdade mais livre que a outra. Não existe conduta que garanta liberdade sem respeito à subjetividade de cada uma. É íntimo. Mulheres ainda brigam para serem respeitadas, ouvidas, contratadas, bem pagas. Brigam para não serem estupradas. O ideal de liberdade feminina é tão amplo e diverso, que decretar um modus operandi libertário para a vida sexual de todas sem respeito ao individual de cada um é oprimir (TPM, 2017, p.82).

É abordado um recorte ainda mais fechado para essas questões. De acordo com a matéria a mulher teria alcançado todos os objetivos das lutas feministas, mas estaria em um local de angústia por isso. É inegável que existem realmente muitas conquistas, porém a lógica falha – e cruel – da revista é pensar como se todas as mulheres estivessem sob esse mesmo teto e não caminhando em campos minados pela violência e opressão do patriarcado.

Em suma, a narrativa textual das matérias questiona os lugares sociais que são designados para as mulheres. A lógica dos discursos é pensar o presente como herança de um passado, de subordinações ao masculino, mas também de conquistas, e provocar o leitor ao interrogar sobre como será o futuro.

Assim, percebemos através da análise discursiva da revista, a presença de padrões de comportamento, ao criar novos estereótipos para a mulher moderna e reforçando os antigos. É relevante trazer à reflexão ainda o caráter pedagógico da edição e a sua busca de criar um grupo

coeso sobre o que é ser mulher e como essas definições devem fazer parte do feminino em si.

5. Considerações finais

Ao término da análise realizada, pode-se afirmar que a *TPM*, quando deixa de circular mensalmente, para adquirir um caráter periódico mais espaçado, como afirma a própria Editora TRIP, para a produção de um conteúdo mais conciso e aprofundado sobre o universo feminino, gera uma controvérsia. A edição que lança a nova proposta, sobre o futuro, analisada por este artigo e apresenta um apelo de muito mais incitar o leitor, do que realmente promover uma resposta.

Mesmo que as questões abordadas pela publicação sejam de caráter pertinente e digam muito em relação ao momento em que vivemos, elas não apresentam um maior aprofundamento. As pautas propostas e os textos da publicação retratam a preocupação com o futuro, mas o fazem como se o atual momento fosse a resposta que todo o movimento feminista sempre buscou. Além disso, existe um elitismo na publicação: grande parcela das mulheres são marginalizadas ao serem excluídas da narrativa.

A revista afirma que a mulher chegou aonde sempre quis chegar, mas isso ao mesmo tempo a angustia. Dando destaque para tais percepções e colocando em segundo lugar a violência sofrida pelas mulheres por ódio, a condição sub-humana da vida de muitas, não abre espaço para as pautas feministas contemporâneas, como: representação na mídia, inserção e a participação na política, autonomia do corpo, equidade de gênero (igualdade salarial, afazeres domésticos e cuidados com os filhos) e não questiona todo o peso da sociedade patriarcal impõe, criando uma certa confusão entre temporalidades sociais a partir de uma leitura sobre a permanência ou não de certos padrões.

O artigo também, assim, proporcionou reflexões acerca das condições femininas, com o que se concluiu que a grande maioria dos meios de comunicação pode ser extremamente influenciadora do universo feminino moderno, apresentando/sugerindo um ideal de beleza, sucesso profissional, vida conjugal, filhos e possibilidades de vida que na maior parte das vezes, são inalcançáveis e reforça clichês sobre o que é ser uma mulher moderna.

É interessante observar que, apesar da sociedade regular a vida e a condição do ser feminino, existem algumas marcas que possibilitam refletir sobre isto. A *TPM*, ao convidar intelectuais, jornalistas, artistas e pessoas de outras áreas, demonstra ao seu público uma certa preocupação e vínculo com o pensamento da marca. Porém, o corpo da revista não é consistente com assuntos mais densos e que assolam a vida da mulher, como era a proposta da nova

roupagem da publicação divulgada em 2016 e acabam condizente com o jornalismo interpretativo e não informativo das revistas femininas, como afirma Buitoni (1981), do qual o discurso editorial da *TPM* não se difere tanto. A edição apresenta mais um apanhando interpretativo sobre o futuro e as suas possíveis condições, do que em suma apresentar possíveis caminhos para a equidade de gênero e direitos.

6. Referências Bibliográficas

ARÁN, Márcia. **Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 399, jan. 2003. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000200004> > Acesso em 20 de abr. 2018.

ALVES, J. E. D. **DESAFIOS DA EQUIDADE DE GÊNERO NO SÉCULO XXI**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 629-638, jun. 2016.

ARAÚJO, Emília Rodrigues, org. – **“O futuro não pode começar : actas da conferência, Braga, 2005”**. Braga: Núcleo de Estudos de Sociologia da Universidade do Minho, 2005

BANDEIRA, A. P. B. da S. **Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos**. In: Vozes&Diálogo, Itajaí, v. 14, n. 2, jul/dez. 2015

BRAGA, Adriana. **Corporeidade discursiva na imprensa feminina: um estudo de editoriais**. In: Revista Em Questão, Porto Alegre, v.9, n.1, p.109-120, jan/jun 2003. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/64>>. Acesso em 15 abr. 2018.

BITTONI, D. H. S. **Introdução e Origens da representação**. In: Mulher de papel - a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

BURBULHAN, F. GUIMARÃES, S. F. **Relações de gênero, mídia escrita e contemporaneidade: análise do discurso nas revistas TRIP e TPM**. Publ. UEPG Ci. Soc. Apl., Ponta Grossa, 19 (1): 67-76, jan./jun. 2011

BUTLER, J. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 11, p. 11-42, jan. 2013.

HARDING, S. **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**. In: Estudos Feministas, n.1, 1993.

HOLLENBACH, Gabriela Boemler. **O casamento e a TPM: novos tempos, novos sentidos**. In: Revista Em Questão, Porto Alegre, v.9, n.2, p.255-269, jul/dez 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/72>>. Acesso em 22 mar. 2018.

MACÊDO, M. dos S. **Feminismo e pós-modernidade: como discutir essa relação?** In: BONNETI, A. e SOUZA, A. M. F. de L. (orgs). Gênero, mulheres e feminismos. Salvador:

Edufba/Neim, 2011.

MAIA, C. **Mulheres em Revista: O jornalismo Feminino no Brasil**; Rio de Janeiro, Caderno da Comunicação. Série Memória, 2002.

MANDAJI, C. F. da S.; SOUZA, M.; TERHAAG, P. **Discurso do feminino na contemporaneidade: revista TPM**. Revista Ártemis, Vol. XXI jan-jul 2016, pp.102-115

MARTINEZ, M. Jornada da heroína: a imprensa feminina e as histórias de vida de mulheres. In: Jornada do herói - a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MESSA, M. R. **Os Estudos Feministas de Mídia: uma trajetória anglo-americana**. Cartografias, PUC-RS, julho de 2006.

NOVAES, Adauto. **Sobre tempo e história**. In: NOVAES, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Cia das Letras/Secretaria Municipal de São Paulo, 1992.

NYE, A. **Uma linguagem da mulher**. In: Teoria feminista e as filosofias do homem. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1995.

ORLANDI, E. P. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em Aberto, Brasília, jan./mar 1994, v. 14, n. 61.

SANTOS, A. A. **O mundo da investigação para mulheres comuns**. In: ALVES, I; SCHEFLER, M DE L.; VAZQUEZ, P. S. e AQUINO, S. de (orgs). Travessias de gênero na perspectiva feminista. Salvador: Edufba/Neim, 2010

SHOWALTER, E. **A crítica feminista no território selvagem**. Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, H. B. de (org.) Tendências e impasses - o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2004

SILVEIRA, N. G. **A pós modernidade nos movimentos feministas: novos atores, novos desafios**. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife/ 2014.

SOUSA, Pedro de. **Análise do discurso** / Pedro de Souza, — Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011.

SOUZA, A. M. F. de L. **Sobre gênero e ciência - tensões, avanços, desafios**. In: BONNETI, A. e SOUZA, A. M. F. de L. (orgs). Gênero, mulheres e feminismos. Salvador: Edufba/Neim, 2011 .